

VIDA



JOSÉ CARDOSO PIRES

Entrevista por
Vasco Pulido Valente
e Vasco Rosa

De Profundis, Valsa Lenta
Pré-publicação

SEXO FORA DO CASAMENTO
CARLOS QUEVEDO
E PEDRO SOUSA TAVARES

ENTREVISTA A JIM CARREY
RUI HENRIQUES COIMBRA

O ÚLTIMO ESCRITOR PORTUGUÊS

De Profundis, Valsa Lenta, o novo livro de José Cardoso Pires, está disponível na próxima semana. Fica para já a entrevista de Vasco Pulido Valente e Vasco Rosa. FOTOGRAFIAS DE ALEXANDRE ALMEIDA E JOÃO TABARRA.



Começou logo afastado do neo-realismo?

Bom, não. Eu era da Almirante Reis, da fábrica da Portugal onde ia jogar bilhar, ia ao Clube Radiofónico de Portugal... Nas relações sentimentais, políticas, dava-me com os neo-realistas. Os meus amigos vinham das artes plásticas, o Mário Cesariny, o Vespeira, o Fernando de Azevedo e outros, e aquele grupo da Almirante Reis. Toda a minha relação universitária e política era com o Lopes Graça, a Maria Barroso, que era uma figura essencial do teatro, com Manuela Porto... Eu andava vagamente pela Academia dos Amadores de Música, donde alguns saíram para o surrealismo, como o Cesariny... Deu-se uma rebelião concretizada por mim, pelo Alexandre O'Neill, e foi aí que se descobriram vários indivíduos que contestavam o populismo que era defendido por alguns literatos dessa corrente.

Considera o neo-realismo como uma forma de romantismo?

O próprio Mário Dionísio fala frequentemente de neo-romantismo a propósito de neo-realismo...

Até ao fim, ele foi um neo-realista completamente ortodoxo.

Acho que não. Mário Dionísio assumiu-se sempre como teórico do neo-realismo, é certo, mas com abertura e sensibilidade. Depois apareceram figuras menores, essas sim, com um pragmatismo descabelado, como Rodrigo Soares, pseudónimo dum intelectual de Coimbra de grande projecção universitária.

Não é estranho que o homem que V. diz que mais o influenciou e encorajou, e a quem foi mostrar os *Caminheiros*, tivesse sido o Mário Dionísio? Ele ainda era o controlador dos intelectuais?

O Mário Dionísio portou-se sempre com grande independência e eu era um jovem que queria publicar um livro. As pessoas dizem agora mal disto, mas na altura ainda era pior. Muito pior...

Porque é que foi falar com ele?

Porque ele estava muito próximo de mim; por outro lado, porque era um antifascista e ainda porque era um paracomunista (desconhecia que ele fosse do Partido Comunista).

Quem gostava de ler nessa altura?

O Almada Negreiros. O Almada Negreiros é um dos escritores mais importantes da literatura portuguesa (como pintor, passo bem sem ele...). Ao contrário de muita gente, nunca o vi nem o conheci... Revolucionou a forma de escrever. Toda a educação do Almada vem dos jornais, do *Diário de Lisboa* e da chamada "Idade do Jazz-Band", do grupo do António Ferro em que havia gente medíocre como o Eduardo Frias, e muitos anarquistas... Como criador ligado aos jornais, Almada fixou-se numa sintaxe citadina, num coloquial urbano, solto e humorado. É realmente o grande renovador da prosa portuguesa desse tempo.

O José Régio... Eu passo muito bem sem o Régio. Não acho piada nenhuma ao *Príncipe das Orelhas de Burro*, salvo seja. Para mim não há um só grande romance do grupo da *Presença*. Toda a gente bate no João Gaspar Simões, mas ele não é nem melhor nem pior do que os outros, é igual.

O escritor de Lisboa, para mim, não é o Pessoa, é o Cesário. A Lisboa do Eça também tem sintaxe citadina, e da ➤➤➤



LONDRES, 1970

NOVEMBRO DE 87

➤ melhor. Mas no Almada a coisa vai mais longe, porque é a prosa mais despojada de adjectivismo que apareceu desde o realismo. Na prosa do neo-realismo, a estrutura e o gosto são na maioria rurais, excepto em Carlos de Oliveira, por quem tenho uma admiração muito grande...

Pelos outros não tem?

Não, não tenho. Não posso ter admiração por um Namora a falar da cidade...

Ou sem ser da cidade?

Percebo onde quer chegar. Não tenho.

Nem pelo Alves Redol?

Escreveu um romance espantoso, *Barranco de Cegos*, no qual descreve o caso do Relvas em Vila Franca de Xira... Eu era muito amigo do Redol, e um crítico sincero: nunca gostei sem reservas do que ele escrevia.

Nem de todo o neo-realismo também, tirando aquele romance.

Tirando o Carlos de Oliveira, evidentemente, e os contos do Manuel da Fonseca.

E no “presencismo” há excepções?

Toda a novelística presencista, Régios e outros assim, não me interessa. Ainda há dias Álvaro Cunhal disse que o Régio era genial. Claro que não tenho nada contra o Régio, mas não, aquilo não me aquece nem me arrefece. Nem sequer como exercício formal. Não há um risco naquela prosa! Aquilo é Portalegre, ou não sei o quê. O Vergílio Ferreira, por quem não tenho consideração, é um escritor em franciú de babete. Entre a República e a ditadura tivemos dois escritores de génio, Aquilino e Carlos de Oliveira.

E Miguel Torga?

Torga, enfim, é da Atenas Lusa. Inatingível no olhar telúrico e penhascoso. Outro caso...

Nemésio...

No King's College, de Londres, um aluno meu fez um ensaio sobre *O Mau Tempo no Canal* em que escreveu: “Parece um filme de série americana. Mete tudo. Mete cornos, mete naufrágios, mete incêndios...” Nunca tinha visto aquilo com aquela limpeza. Admiro extraordinariamente o Nemésio como poeta, sobretudo os poemas eróticos...

Gosta do José Saramago?

Gosto do *Levantados do Chão* e do *Memorial do Convento*. Mas não o citaria como paradigma.

Antes da sua geração não havia nada?

Não tenha pressa... Não tenho uma cultura perfeita, programada. Mas não sou o único português que não tem especial admiração literária pelo Almeida Garrett. Não gosto das *Viagens na Minha Terra*, acredite. Aliás, é a veia romântica

que empalidece todo o pós-romantismo português e o configura, por vezes, de populismo.

No Carlos de Oliveira, que V. tanto admira, aquilo é construído, é arranjado...

O Carlos de Oliveira é extremamente sóbrio, trabalha a “paolo seco”, como diria o João Cabral de Mello Neto. Sempre tive uma admiração muito grande por ele. Como prosador, foi extremamente original. São livros com uma prosa muito vigiada, com a fuga ao adjectivo – antes dele, os modernistas faziam traduções dos adjectivos franceses... Repare, Carlos de Oliveira tinha em cima dele uma sociedade com tipos muito bons, sobretudo na poesia e no ensaio, como o Casais Monteiro, o Sena, e o Pessoa.

Mas isso não fazia dele um grande escritor...

Ah sim, é um grande escritor. Quem apareceu depois? Eu não vejo, sinceramente.

Depois dele, quem vê?

António Lobo Antunes, por exemplo. Ou Dinis Machado, *O Que Diz Molero*. Ou Maria Velho da Costa, das *Casas Pardas*. Há 3 ou 4 – já não é mau.

Quando começou, tinha uma preocupação fundamental com a forma...

Era uma resposta intensa ao romantismo que tocara profundamente o neo-realismo. O presencismo era muito sonolento. A prosa da época era uma má herança. O Namora escreveu um livro sobre Lisboa com um olhar de província. Os livros de Camilo que se passam aqui também: o personagem vem do Minho e encontra toda a cidade na Praça da Figueira... Aquilo era uma burguesia coimbrã, que se preocupava – e eu estou inteiramente de acordo com isso – com a presença distorcida e maltratada do campesinato português, e por razões sentimentais e políticas se pôs ao lado dele, mas que não dominava a língua...

A Irene Lisboa fez uma boa crónica sobre a cidade, e depois havia uma quantidade de tipos que escreveram sobre Lisboa, mas com uma gramática das províncias. Não viveram na cidade. Foram educados, uns no seminário, como o Vergílio Ferreira... No fundo, aquilo era também o deslumbramento do provinciano que se quer em Lisboa, com uma porta aberta sobre o Chiado. O Afonso Lopes Vieira, que tinha talento e charme, quando falava assumia um entoar paternalista que encantaria a senhora Maria da Nazaré...

A linguagem era o mais grave. Quando um escritor não vive a linguagem de quem olha, ou o tema não suscita linguagem, não há nada a fazer.



“Passo muito bem sem o José Régio. E não há um só grande romance do grupo da *Presença*”

Podia ter dito tudo isso como crítico... E que mais lia nessa altura?

Com 18 anos, fiz uma viagem num navio mercante à África do Sul e a Moçambique, em 1944, em que li muito e com outros olhos. Li um *pocketbook* do Caldwell, que me deslumbrou, imagine... Também li o Damon Runyon, que me deu muitos problemas, porque eu não tinha inglês para aquilo... Foi com esse material que me entusiasmei, decididamente, pela escrita.

Disse-me uma vez que a sua grande preocupação foi começar a escrever em discurso directo...

Isso é outra coisa. Quem primeiro dá esse sinal de discurso directo na literatura portuguesa é o Carlos de Oliveira.

Mas quem é que hoje escreve em discurso directo?

Maria Velho da Costa, em *Casas Pardas*, por exemplo.

O Eça não consegue escrever em discurso directo...

Então, não consegue?...

Não.

São diálogos sucessivos... Os escritores mais recentes não têm já o problema que eu tive. O domínio do discurso indirecto deixou de se exercer.

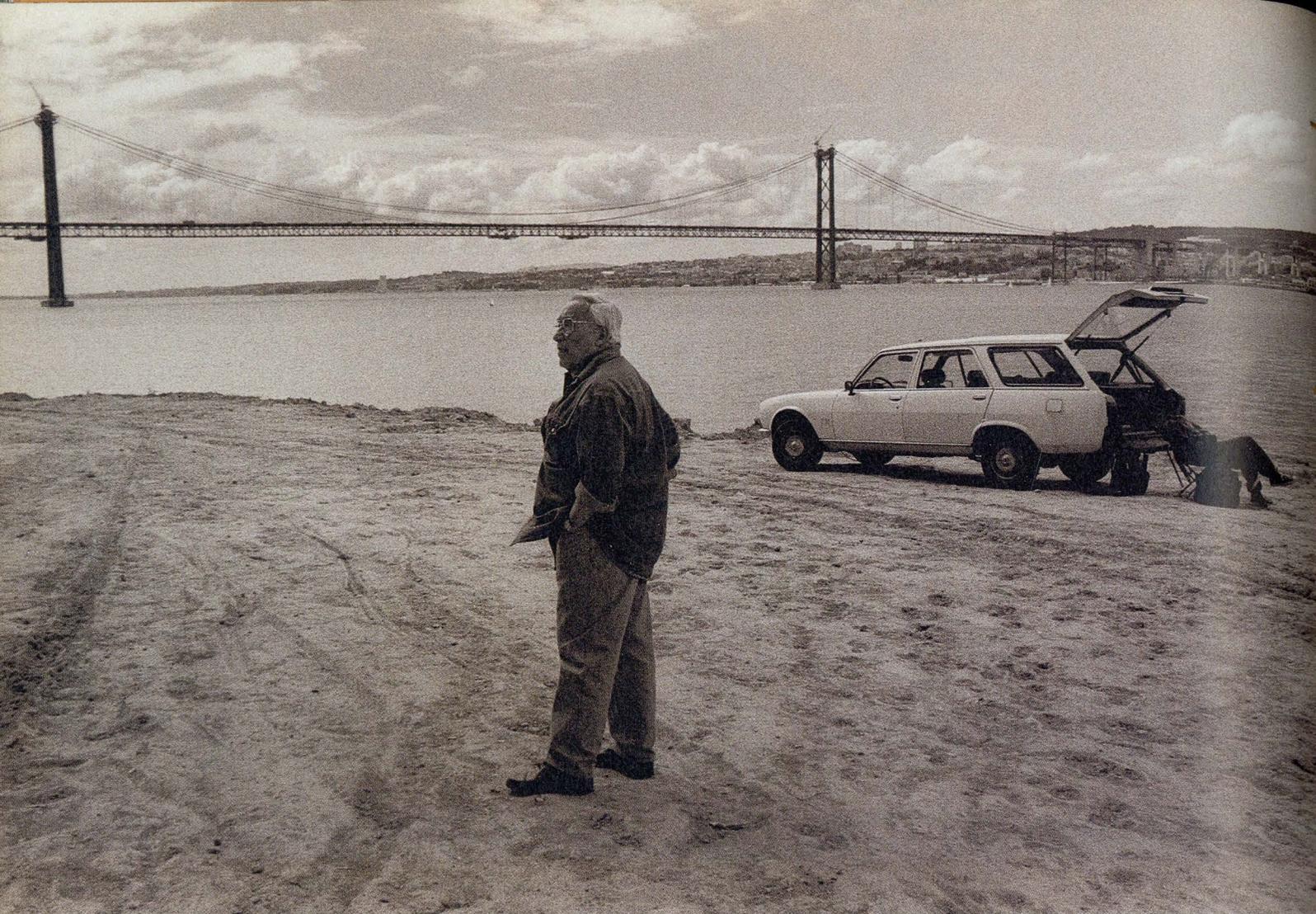
Diga-me um conto português quase todo escrito em discurso directo, como, por exemplo, *O Ritual dos Pequenos Vampiros*.

Não sei. Mas isso de praticar o discurso directo chega para fazer uma coisa boa? Pode ser representativo duma reacção ao que havia anteriormente, nada mais. Cada um escreve conforme o seu ouvido, e quem não tem ouvido não consegue escrever.

Disse que o ouvido que tem a prosa portuguesa é um ouvido banal...

Não é novidade nenhuma.

A Lisboa dos seus livros mudou muito, ou desapareceu... ➤➤➤



O Vergílio Ferreira, por quem não tenho consideração, é um escritor em franciú. *O Mau Tempo no Canal* parece um filme de série americana.

➤➤ **Agora está a escrever um romance que se passa nos anos 20. O que é que aconteceu? Já não ouve a cidade de hoje?**

A Lisboa, no tempo do fascismo, obrigatoriamente mais pequena, era uma Lisboa com uma identidade densa. Uma Lisboa de resistência, secreta, e sentimentalmente com tudo à vista. Um universo em contenção, heróico, e até ingénuo. Hoje o país é felizmente outro, Lisboa é outra, não vejo todos os desastres que estão a acontecer à minha volta com a clareza liminar, cortante, que tinha há quarenta anos.

Essa mudança social não é um estímulo?...

Eu era movido por um afrontamento, vertical e directo

com uma determinada realidade, também ela vertical e directa. Quando a realidade não é essa, inconscientemente sou levado a responder de outra maneira. A frontalidade hoje tem outras expressões e é muito mais subtil.

Eu neste momento tenho uma posição, igual à de muita gente, em relação ao Portugal contemporâneo, que é uma posição muito mais prevenida, e penso que aquilo que eu não gosto aqui é muito mais difícil de atacar. O prazer da liberdade que nós temos hoje é indiscutível, e o prazer da vida é diferente. Repare que todos os homens da minha geração passaram anos, anos e anos a refrear o humor... ➤➤





LONDRES, 1972

LISBOA, 1975



“O romantismo tocara profundamente o neo-realismo. A prosa da época era uma má herança”

►► **Desculpe, fez o *Almanaque*, que é um elogio do humor...**

Bem, foi um caso. Não vá por aí: diziam o pior da gente, que no *Almanaque* éramos uns elitistas, uns pretensiosos, e aquilo faliu porque não se vendia...

Durou um ano e meio...

Comprei *Almanaques* a 25 tostões!! Hoje muita gente diz o melhor do *Almanaque*, mas não o leu.

Mas o humor foi uma tentativa de resposta...

... a uma situação degradante, claro. Mas era uma coisinha assim, quatro ou cinco gatos, ou lá o que era, uma coisa pequenina, que não teve repercussão nenhuma. Durante a ditadura era-se oblíquo por causa da Censura, agora é-se oblíquo por causa da inteligência.

Chamou ao seu desastre cerebral “um pesadelo amável”...

É capaz de ser. Durante essa minha morte quem sofreu foram os outros: a minha mulher e as minhas filhas, os meus amigos. Eu não dei por nada.

Suponho que o Prof. João Lobo Antunes encontrou no meu relato [*De Profundis, Valsa Lenta*] uma abordagem com algum interesse no relacionamento da memória com a identidade. Não tinha pensado nisso.

No entanto, todos os nossos dramas sentimentais, íntimos, sexuais, políticos, económicos são a nossa identidade, estamos sempre à procura de a manter a todo o custo, ainda que ela seja uma ficção. Acho mesmo que o que nos alimenta é a ficção da nossa própria identidade. É o nosso horizonte infinito. Sem memória não se tem identidade, e escrever é uma busca da identidade com a língua, com a História e conosco mesmos.

E os outros? Como é que explica a incapacidade de esta sociedade escrever sobre ela própria?

Não estou nada disposto a falar dos outros. Eles que façam a sua vida.

A língua portuguesa evoluiu...

Evoluiu. Em certo sentido. A cultura de massas é ao mesmo tempo inimiga da alta cultura e inimiga da cultura popular. A TV tem aspectos profundamente negativos, em todo o mundo, como a tendência para massificar... Mas é também um estímulo indirecto para a literatura, na medida em que obriga o espectador a articular a sequência narrativa. A montagem exige um raciocínio mais rápido a quem estava habituado a uma narrativa cartesiana, linear. Se calhar, uma coisa compensa a outra.

Há um ganho?

Acho que não.

E a sintaxe e a terminologia, mais ou menos burocrática e pseudotecnológica, do idioma?

É algo que dificilmente vamos perder. Tem a ver com o provincianismo cultural.

Não lhe parece que esta “nova crítica” destruiu a literatura?

Acho que não. Destruíu... e construiu. A semiótica é um marxismo travestido.

Consegue ler uma crítica, por exemplo, do Eduardo Prado Coelho? Fica com vontade de ler o livro?

Algumas delas são extremamente inteligentes. Ele está sempre bem com ele mesmo.

Percebe aquela linguagem?

Percebo.

V. é o último dos escritores portugueses.

Palavra?! Isso é muito radical... •

**Extracto de *De Profundis, Valsa Lenta*, onde José
CARDOSO PIRES faz o relato dos oito dias em que viveu
dependente de um minúsculo coágulo de sangue.**

A notícia da minha morte foi um exagero

Mark Twain em telegrama à Associated Press

No escuro, junto a dois homens adormecidos, tento ver por trás do meridiano da morte que acabei de dobrar esta manhã mas só encontro névoa luminosa. Dentro de uma ou duas horas, com as recordações da Edite e dos amigos em visita, vou continuar o reconhecimento da geografia sonâmbula por onde naveguei e que não era mais do que uma transfiguração do universo do meu quarto e de uns tantos passos à margem dele. Serão, rapaz, os teus últimos passeios do exílio, daí em diante saúde e baile é que é preciso.

Mas o corredor das portas abertas e das camas a meio sono deixou de ser a estrada sem limites que eu percorria nos cegos tempos. A sua brancura já não é de vazio e solidão nem de extensões de luz fria. Pelo contrário, é quase íntima, hospitalar, e, ponto importante, exhibe doentes a desfilarem em parada de toilettes. Três ou quatro, não mais, e todos os dias os mesmos.

Olho-os. Passam por mim roupões acabados de estrear, chinelas de aconchegar sossegos; à saída duma porta, um infeliz de perna arrastada compõe o seu burguês casaco de quarto com alamares; mais adiante outro internado avança em robe com monograma e lenço de seda ao pescoço mas por razões que só a ele dizem respeito calça luvas de lã grosseiríssima; outro ainda, um tipo enorme de cabelo grisalho, mostra-se de peito aberto num quimono de judoca e calções colados à coxa, exibindo umas pernas ilustradas por adesivos que cobrem enxertos de artérias ou algo assim. Brilhos de presença e uniforme: desejo de sobreposição ao anonimato ou à marginalização para que nos empurra a doença?

Numa porta volto a dar com o letreiro BANHOS que me perseguiu até à obsessão sob a máscara bizantina de ВАННОЗ ВАННОЗ ВАННОЗ e que é uma das raras imagens que me ficaram do tempo cego.

Do tempo nulo. Ou passivo. Como se queira. De quando em quando vou até ao quarto e lá está o amigo Martinho de auscultadores nos ouvidos a receber a música que lhe vem debaixo dos lençóis e a magicar lucubrações. Na cama em frente, o companheiro Ramires permanece de olhos fechados, agarrado ao braço inerte. Ou dorme ou são as dores de cabeça que o obrigam a estar naquela postura; mas se dorme, é garantido que logo que um boeing ou um airbus apareça no firmamento não deixará de dar o alarme, desatando a ressonar em crescendo. “O ressonar do avião”, chama Martinho a esse estrondoso toque de peito que, por razões imponderáveis, é menos desvairado nos sons de dia do que de noite.

Mas também pode acontecer que, quando mudo e de pálpebra tombada, o nosso Ramires esteja apenas fechado em pensamentos e se assim for, entre ele e o da outra cama não tardará a recomençar o costumado baile das malícias.

“Ou muito me engano ou é amanhã que o Professor me vai marcar a operação.” (Ramires abrindo os olhos, com o ar de quem saiu duma meditação devidamente meditada.)

Sorriso de Martinho: “Operação com música ou sem música?” Nenhuma resposta do lado de lá; e o Martinho outra vez: “Pois eu, amigo Ramires, a noite passada sonhei que o doutor me estava a tirar a tampa do intrínseco.”

“Doutor? Qual Doutor?” (Ramires.)

“Um qualquer, não interessa. Sonhei que ele me estava a descifrar de tampa aberta e que do meio dos miolos me saiu uma data de borboletas.”

“De vespas, quer você dizer.” (Ramires, rindo baixinho.)

E Martinho: “Ou isso. Realmente, antes vespas que borboletas porque as borboletas são muito atreitas às flores de cemitério. (Riso) Na primavera, bem entendido.” [Primavera dos cemitérios: mariposas, pétalas a adejar por cima de campas ao sol. Ao redigir este diálogo, lembrei-me da mariposa-caveira (*Acherontea antropos*, L.) que os mexicanos adoptaram como figurante das procissões de Carnaval.]

Ramires: “Eu cá não sonho. Tenho a consciência tranquila, compreende?”

Martinho: “Sonhar não é fácil.”

Ramires: “Ah, pois não.” Faz-se desinteressado; e de repente: “Diga-me uma coisa”, agarra o braço paralisado, puxa-o mais para si, “uma coisa, amigo Martinho: o amigo lá no sonho sabia quem era o doutor que lhe estava a tirar a tampa? Sim, o operador, o cirurgião. Sabia? Claro que não sabia, o azar é esse. E quem não sabe, é garantido: acorda com uma coroa de flores e uma data de borboletas ao de cima.”

“Com vespas, amigo Ramires. Peço desculpa mas eram vespas.”



»» «Vespas ou borboletas vem tudo a dar no mesmo. Eu, ao menos, se alguma vez sonhasse que me estavam a tirar a tampa havia mas era de me sair um anjinho de asas brancas a tocar corneta pela pauta.»

Gargalhada pronta de Martinho: “Pois é. E atrás do anjinho ia você a caminho do Pai do Céu sem o Professor lhe dizer adeus.”

Comerciante de muito traquejo no ramo de bar e bilhares, Martinho lançou a carambola e deu o assunto por arrumado, tornando a emparedar-se entre os auscultadores para ouvir uma música muito sua.

Nisto entrou uma enfermeira que se pôs às voltas pelo quarto, o termómetro, onde estava o termómetro, perguntava ela, nenhum dos senhores ali presentes tinha visto o termómetro? Martinho levantou um dos auscultadores: “O termómetro? Deve andar por aí.” E o construtor Ramires, de olhos fechados: “Se calhar derreteu-se com a febre.”

A enfermeira não só já se tinha habituado aos entremezes daquele par de corvos como fazia por lhes copiar o tom nos dias de boas marés. “Machista”, chamara ela ainda há pouco ao desgraçado do Martinho que na ocasião parecia uma caveira deposta sobre a almofada porque tinha tirado a dentadura. “Machista é que o senhor é, fique sabendo.” E com esta deixara-o de boca às moscas porque machista devia ser uma palavra que não lhe constava muito bem.

“Sai depressa, depressa.

Já quase morrem esta noite os ecos.”

Herberto Helder

Mais dois, três dias, e iria levantar ferro da ilha dos naufragos para reviver a casa e o mundo e voltar à escrita e aos livros nas últimas linhas em que os abandonara.

Num golpe repentino tinha perdido a inteireza da fala, no mesmo golpe tinha perdido os valores da grafia e ficara analfabeto de mim e da vida. Subitamente também, retomara tudo isso mas foi preciso algum tempo para começar a ter consciência de tamanha felicidade.

A princípio, por prudência instintiva ou por quase superstição, evitava comprovar a realidade que me tinha sido restituída e experimentar-me em coisas que me eram essenciais. Para reabrir os livros receava que ainda não fosse a hora, havia que não perturbar a recuperação. Escrever, nem uma linha depois da prova salvadora com que os médicos arrumaram de vez o meu dossier. Ler, lia os jornais e sem a curiosidade que seria de esperar, talvez porque o fosso que separava a fortaleza do hospital da humanidade exterior ainda não estivesse instintivamente vencido.

Não, leituras poucas. Pelo menos por enquanto. E no que tivesse a ver com escrever, nem pensar. Até sair do hospital jamais me quis abordar (inquietar, para ser mais preciso) como sujeito de livros e de escrita, uma identificação pessoal que só muito depois viria a relacionar com o letreiro-fantasma ВАННОЗ ВАННОЗ ВАННОЗ que me perseguira ao longo da minha erosão da memória e que foi a única recordação que sobreviveu integralmente a todo esse aniquilamento. (A única não. A leitura do letreiro e a abordagem à hipótese de loucura foram outros episódios de que guardo uma lembrança objectiva.)

Quanto mais, ao desfazer das trevas brancas repunha-me numa normalidade que me impressionava por ser tão nítida e tão expontânea, tão decorrente. O minuto interrompido, e o afim de todo este tempo, continuado como se nada tivesse acontecido; o livro aberto, à espera, as anotações à vista; a frase abandonada a meio e prosseguida naturalmente – tudo assim, nada mais simples.

Entretanto, até ao final do internamento ia sabendo notícias do Outro que eu fora pelas descrições de quem o tinha visto na névoa antiga, e então nomes, pessoas e casos voltavam a povoar-me a memória. Sobretudo ao almoço com a Edite e nos passeios pelo corredor recapitulava-me e recapitulava o pesadelo quase amável donde eu me tinha libertado, embora não tivesse trazido de lá mais do que vislumbres fugazes, instantes ou insinuações.

Ao percorrer agora o território do hospital que correspondia a esse cenário, encontrava muito de raro em raro pormenores que me sugeriam alguns sinais da aridez da morte branca, atmosferas ou como que atmosferas, reflexos de luzes. Mais: de passagem, um ou dois apontamentos casuais levaram-me a reconstruir momentos concretos da minha marcha de sonâmbulo iluminado. Os passageiros sem viagem, por exemplo. Afinal, em frente do elevador o banco donde antes se dizia que eu tinha visto pessoas-em-estátua (a expressão não seria minha certamente mas foi assim que a traduziram), pois bem, esse banco estava lá, existia. Existia mas vazio, embora me tivessem ouvido falar de ocupantes “esquisitos” (doentes sem rosto). Praticamente sem ninguém, pode dizer-se, estava igualmente a sala do televisor que era mais uma passagem do que outra coisa e que me parecia um espaço ao abandono com imagens a sucederem-se na penumbra. Mais adiante ficava um gabinete de enfermagem de que nunca me tinha dado conta, depois o corredor que fora dos passos perdidos, depois as toilettes, depois novamente o quarto, e ponto final, ali, acabava o mundo.

Acabava, não. Agora que eu tinha despertado, o mundo recomeçava a partir dos dois companheiros de hospital que iria deixar em breve e que até lá eram os meus personagens de cada dia. Vivía-os com atenção. Com

afecto, até, e de certo modo com admiração. Contava-os à Edite para não lhes perder o fraseado nem o adejar em torno da vida e da morte.

Cruzado de risos e de dores, Ramires, de olhos fechados, sonhava com o médico da sua redenção e esbravejava em roncos infernais para expulsar os aviões que lhe vinham invadir o sono. Por seu lado, Martinho, o velho, passava uma parte do tempo entre parênteses, ou seja, fechado muito com ele nos auscultadores que lhe davam música para esquecer o só Deus sabe que lhe estaria reservado. Volta não volta, os dois, para desentorpecer, metiam-se em tro-pelias de conversa com gargalhadas à mistura e em momentos especialíssimos Martinho punha-se a dissertar em voz pensada sobre as artes do bilhar.

Suponho que assentara naquele tema por explorar um bar de snookers na Nazaré e o snooker não lhe merecer particular consideração. Segundo ele, o snooker era bilhar de cavalgada americana (vinte e uma bolas à procura dum buraco) e se o escolhera para ramo de negócio a culpa cabia ao triste gosto do público da Nazaré, essa praia de cal-cudos. Para ele, bilhar, o que se diz bilhar, só o francês e mais nenhum. Aí é que sim. Aí, com três bolas em sujeito, predicado e complemento, o artista de mão afortunada traçava uma oratória geométrica em cima do pano verde que era um pasmo de se ver.

Só tive conhecimento deste discurso no dia da minha despedida, mas pelo ar enfatiado com que o empreiteiro Ramires o ouviu depreendi que não tinha sido novidade para ele. Para mim foi, e de certo modo tomei-o como um adeus que o velho me endereçava. Eu partia, sorte minha, ele ficava. Mas pelo sim e pelo não, queria que eu levasse comigo uma imagem apropriada da sua pessoa. A dissertar numa cama de hospital em carambolas à meia volta, efei-tos na conta certa, massés e tabelas de preciosidade, o velho era como se pairasse longe dali e da morte, presidindo a uma constelação de estrelas loucas a rolares em céu aberto.

Últimos preparativos para a partida. Papéis da secretaria para assinar; eu, de gravata e gabardina, à espera da Edite. Mas era cedo, continuava a ser cedo. Ia ao corredor, espreitava à janela o arvoredado do hospital, lia a linhas soltas um semanário desportivo diante dos meus companheiros que se manteriam, não tinha dúvida, de olhos abertos até à minha despedida. Martinho desligara o walkman, Ramires não dizia palavra. Eu verificava a mala, olhava o reló-gio. Lá fora estava uma manhã luminosa.

No quarto um silêncio em suspenso.

Pronto. Cá vou eu, Lisboa ao sol, cá vou eu, e agora, passados meses, já sentado diante destas folhas de papel, rediço-me em capítulo de liberdade a atravessar a capital com a Edite ao volante. Escrevo: é um meio-dia de inverno.

Só que enquanto escrevo tenho chuva na janela à minha esquerda e isso obriga-me a acrescentar que o meio-dia que estou a rememorar era (foi) um rasgão de céu e de luz numa estação sombria. Regressava a casa em saudação de primavera em pleno mês de Janeiro. Para trás ficava a pesada babilónia do hospital de Santa Maria onde àquela hora estaria um cirurgião rodeado de toda a sua equipa a reconstruir o cérebro de alguém suspenso entre a terra e o céu. Ponho-lhe música de fundo, uma música burlesca, se possível, como o Quarteto das Dissonâncias de Mozart. Música, porque não? No renascer de cada vida a música é um privilégio abençoado, já lá dizia o empreiteiro Ramires por outra palavras. E por Ramires, lembro-me da tarde em que o companheiro dele, recostado na cama, se saiu com esta para o informar devidamente:

“Amigo Ramires, amigo Ramires, o amigo anda para aí todo seguro do seu Professor mas sabe o que é que alguns hospitais fazem agora?”

(Suspensão. Ramires de olhos no tecto, à espera.)

“Fazem”, recomeçou Martinho, “uma manigância que nem você nem o mais astuto é capaz de desmanhar. Levam-no para a sala das operações, está a compreender, mostram-lhe um cirurgião de primeiríssima, põem-lhe música se for caso disso, música para eles é um abelhar para entontecer, depois atiram-lhe com uma anes-tesista para cima, picadela, coisa e tal, e assim que o amigo fica a ressonar em ponto morto, em vez do pro-priamente cirurgião entregam-no a um velhadas de prateleira ou a um doutorzeco qualquer que ande para aí aos caídos. Topou?”

Eu pela minha parte apreciei o aviso, aprecio, quero eu dizer, e parece que ainda estou a ver o nojo impassível com que Ramires ouviu aquele cantar de velhaco, salvo seja. Ouviu, deixou pousar, e como resposta ao maldizente, convidou-me em voz alta e bem sonante para uma festa de lagosta, ostras bravas e champanhe francês que andava a estudar com todos os pormenores para o dia em que se visse livre daquele estaleiro de entrevados, disse ele.

Dois anos. Já dois anos sobre isto e só hoje é que dou por encerrada para sempre a minha viagem à desmemória, arquivando-a nestes apontamentos escritos à deriva por indícios trazidos na corrente. Vou interrogando e retendo, apurando a caligrafia da recomposição, e quando chego ao convite do meu companheiro de hospital para uma cele-bração de lagosta com champanhe, não hesito em fechar e pôr assinatura no texto. Disse e vivi, Acta est fabula.

Como despedida, a festa anunciada parece-me uma vinheta condigna mas, se me é permitido, acrescento-lhe um fio de música •